

AVENÇA



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 286 • PREÇO 1200

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Temos boas razões para afirmar que o Ministro das Obras Públicas nos vai colocar em situação de poder auxiliar substancialmente todos os párocos dispostos a trabalhar. Tenho Dele esta palavra. Se até aqui e com recursos particulares temos feito alguma coisa, de hoje para o futuro é preciso fazer mais e sobretudo melhor. Desta sorte e por amor à disciplina nas construções, enviaremos a cada pároco quatro tipos de casas aonde possam escolher. Não temos necessidade, evidentemente, de ser geométricos; cada um, segundo as circunstâncias, poderá fazer breves alterações, sim. Mas as linhas mestras devem-se respeitar. Outra coisa a que devemos atender, é o caso de assistência. É preciso assegurar esta ao Indigente. Ele não muda de condição por mudar de situação. Nesta hora em que felizmente a ideia da obra vai crescendo de maneira *assustadora*; nesta hora, dizia eu, vamos tomar por parte integrante o caso da visita aos pobres. Digo mais. Naquela paróquia aonde se comece a falar na construção, veja-se em primeiro lugar se existem confrades ou, não existindo, se há probabilidades de formar vicentinos. Não havendo, não façam casas. Seria uma amputação da Obra. É extremamente desumano oferecer uma casa ao Indigente e ao depois abandoná-lo a si mesmo, tal como era.

Um outro caso que se mostra agudo, é o destino a dar à barraca ou pardieiro de onde a família

Bairro D. António Barroso

O mau tempo que tem feito, impede-nos de entregar as casas na data em que desejávamos. Mas os senhores não tenham pressa. Mais razão têm os seus futuros habitantes e eles esperam. A todas as cartas que chegam a perguntar quando, responde-se que não será sem primeiramente serem todos avisados. Nesse dia espera-se que a Polícia de Trânsito redobre. Também se espera que os vicentinos das freguesias da Sé, de S. Nicolau e de Miragaia, coloquem um cesto em cada casa com os precisos para trinta dias. E que mobilem. E que assistam pelo tempo fora. É preciso que as águas barrentas do Douro sejam testemunho e levem para o mar alto o testemunho.

provem. Se deixarmos ficar tudo na mesma, é certo que no dia seguinte apresentam-se outras e isto chama-se fazer cultura de miséria. Ora são assuntos graves e de muita responsabilidade. Já se vê que não está nas mãos do pároco nem do vicentino destruir o que dantes era; eles não têm jurisdição. Mas estão as Câmaras. Podemos apelar para os seus Presidentes. Não acredito que não cooperem.

Uma vez que estamos em maré de fazer doutrina, desejaria trazer de novo à barra aquilo mesmo que tantas vezes aqui tem vindo, a saber; estudar a maneira de impedir as emigrações da aldeia para a cidade. Uma vez encontrada a solução, era mais fácil para aquelas o problema da habitação. Noutro dia, numa cidade, entrei num bairro de tocas. Contei noventa e quatro. Pelo que vi e ouvi, não existia uma única família da cidade. Guarda e Viseu deram os maiores contingentes. Mas havia outras terras. Ali é o mapa de Portugal, menos Lisboa. Se a Câmara deita abaixo, eles vão para outro sítio. Se manda fazer bairros, isto consta nas províncias e temos mais gente na cidade. Que fazer? Impedir. Como? Não sei, nem é da nossa conta. O problema é tamanho que exige muitos a estudá-lo durante muito tempo, com muita persistência e amor. Se é vulgar ouvir-se que hoje, no mundo, tudo se resume na questão social, vamos aos peritos.

É também por uma questão desta natureza que se exige dos emigrantes carta de chamada; que as grandes cidades fechem as portas a residentes estrangeiros. Um que temos hoje em Londres, viu-se e desejou-se para lá ficar. Um pedreiro que quis colocar-se em Joanesburgo, deu mil voltas antes de o fazer. Se vamos às Rodésias e à Niassalândia, ninguém entra. E assim por diante em todas as terras do mundo conhecido.

Ora eu, muitas vezes, falando com os meus botões, me pergunto se não haveria maneira de fechar as portas de Lisboa e Porto, que são as cidades da tentação, e exigir a carta de chamada. Não seria isto possível, mediante organizações vigentes? Fazem-se coisas tamanhas e tão caras e tão difíceis e para o interesse de tão poucos! Porque não havemos de tentar esta questão que é difícil, sem dúvida, mas não dispendiosa; e servirá os interesses da Comunidade.

Visado pela Comissão de Censura

A inquietação de futuros sacerdotes

Aqui há tempos ouviu-se dizer —ele (eu) está acabado. Quando morrer vai-se também a Obra. E não é assim. Quando ele (eu) morrer, começa a Obra.

Pró quê veja-se:

«O nosso verbo tem que ser andar. Andar amando. *Andar* unido a Cristo. Só assim as almas terão luz e Vida—gritei eu. (Tudo isto é doutrina bebida em o nosso Famoso, doutrina que havia de ser meditada por todos.) «O Gaiato» não se pode ler; tem de ser meditado. Só a meditação é fecunda. Dei conta aos confrades do grito dos Seminaristas, que seguiam no combóio, grito, que «O Gaiato» recolheu. Esse grito: *é preciso mais*, também encontra eco nos de Lamego.

Se Deus nos ajudar, havemos de fazer *desordem*. Para isso basta que vivamos e façamos viver o Evangelho. Cristo veio instaurar a *desordem*... Nós temos de ser os seus continuadores.

A reunião de hoje foi mais viva, porque foi feita após a visita aos Pobres. Estava a chover. As casas, aonde alguns habitam, eram um autêntico lago. (E a pagar 20\$00 por mês!) Encontrá-

mos alguns às 14 h., ainda em jejum. Parece impossível que esta sociedade continue a dormir. Que Deus ilumine a consciência dos homens da nossa época.

Já temos (e com certeza) terreno e pedra para a primeira casa. Ao pé da nossa vão fazer-se mais duas. São as Marias dos «Sacrários, Calvários», que as fazem.

É torne-se a ver:

«O pouco tempo que aí passei foi quase uma contemplação. Mas eu preciso de algo muito diferente. Que o sentir em mim cada vez mais pesadamente a realidade dura da vida, e não me comprazer com o lirismo enternecedor da Obra feita.

Eu sou da Conferência e tenho procurado cultivar cada vez mais o amor pelos desafortunados. Mas acabo por não me afligir com os problemas daqueles que visito.

Sinto um alvoroço no meu sangue ao meditar na Teologia do Pobre, e procuro regular cada vez mais a minha vida pela loucura. Não sei nem quero saber onde ela me levará. Dou graças a Deus para que me leve totalmente ao Aposolado da Rua.»

E o que anda escondido?!

AGORA

Vamos abrir hoje o cortejo com treze contos para uma casa, que alguém de Montemor-o-Novo deseja saber feita em qualquer parte do País. Atrás vai uma dúzia de contos num tabuleiro de prata para custear outra casa.

Agora peço muito espaço. Vai aqui uma coisa muito grande; como sou *bi-licenciada* mando 200\$. É de Carracedo de Montenegro. Por cada formatura cem. E que vamos nós dizer a este punhado de humildes professores de Proença-a-Nova, que atei mam em oferecer uma casa e tornam com 500\$ para ela—que dizer?! Eu cá digo que o Ministro da Educação Nacional pode dar-se por feliz, sabendo que tem ao seu serviço subditos desta natureza. Deus os ajude. Mais de Lisboa 50\$. Mais de Porto 20\$—*lembra mais uma vez aos Licenciados e Doutorados do País. Pode ser mesmo que eles se habituem*. Nem só com dinheiro se fazem casas; é também com estas aspirações. Vai aqui outra Licenciada do Ribatejo com 50\$. Tenho dito sempre que não, mas agora já não digo. Vão aparecendo d'Eles e d'Elas. E até pode ser que Um, para me calar, envie o cheque de doze contos e eu nunca mais diria nada. Sim senhor. Vai a segunda prestação para a Casa Diniz. É da Beira. Não tarda que a tenha-

mos, pois que as prestações são de 1500\$. Recados meus a todos os habitantes da Beira e cervejinha prá frente que o calor aperta. Aqui é às avessas. Estou a ditar esta ao Abel embrulhado num cobertor. Arrumem-se por favor e deixem passar um *Casal Felis* com três contos na mão. É a segunda prestação. Mais uma pancada e têm-la pronta. Deus ajude o *Casal Felis*. Os C. T. T. do Porto tornam com 796\$50. Havemos de erguer no Porto a casinha que com tanto amor eles vêm erguendo. Há-de ser um mundo de gente nesse dia e naquele lugar!...

Lisboa 100\$. Outra vez Lisboa 500\$ de E. F. É sempre a mesma letra a expressar um mesmo desejo.—*de preferência em Lisboa*. É alguém que ali nasceu.

Vai aqui um senhor que foi ao Banco, deixou lá mil escudos e não quer ir na procissão. Faz ele muito bem. Evita os apertos.

Já agora deixemos passar os Funcionários dos S. M. Gaz e Electricidade do Porto, com a segunda prestação de 3 contos, para a casa deles. Não sei se ainda ali se encontra a *senhora da Electricidade*, como era por nós conhecida uma apaixonada dos vendedores.

—Quem te deu isso?

—A senhora da electricidade!



Aqui, LISBOA!

Não foi em vão que se apresentou aqui a iniciativa dos Rapazes da J. O. C.. Logo na venda imediata do «famoso», um dos gaiatos trouxe um envelope com mil, para animar. Outros trazem envelopes com variados destinos e variadas quantias: património, conferências, para os batatas, para a Casa etc. O sacrifício duma manhã inteira, às vezes bem agreste, que os nossos Rapazes passam amarrados voluntariamente à porta duma igreja, bem merece estas repetidas consoladelas. Os nossos vizinhos do Tojal, por melhor conhecerem o tamanho das panelas da nossa cozinha, foram mais generosos este ano. Um trouxe-nos uma dezena de gordas galinhas, outro três arrobas de carne fresca, outro liquidou à sua conta, a mercearia. Não faltaram batatas e abóboras, um cabrito de Lisboa, bolos de Bucelas, broínhas e 500 sempre certos na hora da consoada. O padeiro também marcou ponto; bolo-rei e pão torrado e mil de Lisboa; marmelada e figos secos, fruta e 114 apetitosos pacotes de lambarices e mil do Rotary e mais mil da portadora e dois formosos bacalhaus, de qualidade e tamanho aqui nunca vistos, da capitania do porto de Lisboa.

Como o Natal é a festa da paz, vários teimosos resolveram vir às boas, entregando à Casa para o pão dos pequeninos, o que gastariam com advogados de nomeada e com papel selado. Um vale de quatro mil e um cheque de vinte deles selaram a concórdia. Ora aqui está uma forma barata de fazer justiça, em que todos ganham. 1.200 de Amigos que se querem desobrigar.

Veio um com a já habitual contribuição de 5, outro fazendo-se acompanhar da Esposa e seis lindos filhinhos principiou a sua desobriga com igual quantia — «porque tenho muito que agradecer a Deus a ajuda que me dá»; 100 dum moço do Tojal. Roupas mimosas do Assinante 7.133. Faz-nos falta uma boa máquina fotográfica para satisfazer o gosto deste e doutros leitores; mais falta nos faz um *registador de som*, para gravarmos um programa semanal. Com dez mil escudos nós espalharíamos alegria por um milhão de lares portugueses.

Do Assi. 10.191 para a *enterecedora obra do Património* 500; vinte duma *viúva* que conseguiu fazer da «Escola Portuguesa» púlpito a favor do Património; 20 da Maria da Cruz; 50 no Lar; 200 da Vacuum e 2.120 dos Empregados da mesma que reforçaram a sua cota mensal já tão elevada, com a colaboração dos empregados de Leixões e Santo Amaro. «Que valor tem estas migalhas pelo seu significado amoroso — repito eu convosco — meus bons Amigos». No Lar mais 500; dum *amigo dos pobres* 100 para cada uma das Conferências; 200 dos Empregados do Crédito Predial, 183\$50 dos Produtos Lácteos; 85 dólares para a «Casa dos Netos duma Avó»; 1.700 das Alunas da Faculdade de Letras para a sua Casa, 1.000 da Marconi; 100 de Vila Real; 150 de dois jovens quaisquer, com um pedido gostosamente cumprido; 100 e roupas; 100 em vale; 200 depositados no

Banco; 100 na mesma conta; 100 da Gravarte; 200 da Secil; 32 dum trabalhador; 50 com grande máguia de ser tão pouco; um saco de trinca e 100; 500 dos I. Escutas; 1.000 da Caravela; 100 duma *Amiga certa dos Gaiatos*; 50 para as boroas; 100 do Porto para os pobres; 100 e 120 dos Paroquianos de S. Jorge; 50 e 50 duma Portuense para o Calvário e Curraleira; 100 duma promessa, de Estrada de Chelas; 100 para a Mãe que se fazia acompanhar do filho; 1.727 outra vez dos Emp. da Vacuum e promessa doutra casa; 300 da Penha de França, em carta toda ela repassada de saudade e cristã resignação. Vale a pena ter fé, só para encarar a irmã morte como o anjo da libertação e começo da verdadeira Vida; 100 em carta branca; 50 para o Calvário da *Formiga* e companheiras; 100 por uma graça alcançada; roupas usadas e novas do Assi. 5.325; 100 à porta duma igreja; 870 duma Senhora que todos os meses põe de parte um pouco do suor do seu trabalho; 100 de Álvaro para os pobres; 500 da visita das Senhoras da L. U. C., idem de assinaturas das mesmas e 50 para a *Casa dos Licenciados*; 200 em cheque da Av. 5 de Outubro; mais roupas de Lobito, por intermédio dum passageiro, — a melhor forma de cá chegar tudo sem grandes trabalhos na Alfândega; 4.000 e 1.000 depositados para mais duas casas; 50 no Lar; vinte litros de óleo de fígado de bacalhau; 500 do Assi. 30.394 para distribuir, o que sumamente nos apraz; 100 e uma garrafa de mel dum sacerdote de Cristo.

Finalmente uma casa e 3.500 para outra, em Mira d'Aire, numa noite de vibrante bairrismo aliado a intensa dedicação cristã pelos seus Pobres. Pelo que vi e ouvi, Mira que sustenta já um modelar Centro de Assistência, vai ter todas as casas necessárias para os que as não tem. Assim seja!

PADRE ADRIANO

Isto é a Casa do Gaiato



Eis aqui o Manuel Marques mais a sua esposa; ele praticista, ela costureira. O Marques veio para a casa de Miranda. Ali fez exame. Transistiu para o Lar do Porto. Quem era ele? Não importa. Alegremo-nos com o que ele é. Deus os ajude.

Ecoss do Atlântico

Por Padre Elias

Eu tenho que já era bom tempo de deixarem de nos chamar nomes, para trabalharmos em paz e em favor de todos.

A doutrina que vivemos e pregamos não é nova, tem vinte séculos de existência e por isso mesmo não somos mestres. «Diz aos ricos do mundo que não sejam soberbos mas que distribuam». Não defendemos a tão celebrada igualdade social, que só existe na cabeça das nulidades e dos pescadores das águas turvas, nem queremos meter, todos os homens, gregos e troianos, no mesmo lugar.

Todos no mesmo lugar, não é o que se pretende, mas sim todos os homens no seu lugar. Cada um no seu. Andam aí muitos irmãos fora do seu lugar.

São aqueles que se deitam a comprar a toda a força e por qualquer preço, dividindo o mundo como os abutres o carneiro podre. Maior o abutre, maior o quinhão.

São aqueles que usam e abusam dos seus direitos de homens ricos esquecidos de que a cada direito, corresponde um dever. Explora-se o trabalhador e o rendeiro, aproveita-se a necessidade urgente de pão e de trabalho, o número de filhos e as condições precárias da vida. São aqueles, que ao fim do ano vão levar ao Banco os seus rendimentos em vez de com eles fazerem a felicidade de tantos lares, dando trabalho, explorando mais a agricultura, construindo casas. É uma maneira muito covarde e muito pouco caridosa de enriquecer. Escondem na terra o talento que o Senhor lhes deu, como fez naquele tempo o servo mau. Não de aparecer de mãos vazias, diante do Mestre, no tribunal das contas.

Andam fora do seu lugar em sociedade, aqueles que têm a missão altíssima de ensinar e de repreender e não a cumprem. Preferem antes gemer elogios e atijar as brasas no turbulo da lisonja, diante dos tais senhores, para se irem arranjando com eles. Cães mudos, como os chama o Espírito Santo. As grandes fortunas, têm no mundo a sua missão social. Podem, quando bem administradas e caridosamente distribuídas, serem grandes alavancas a soerguer os prostrados.

Doutrina pouco vivida e adorada, porque também pouco pregada. Se o sal não salga, o que é que há-de salgar? Se a luz fica debaixo do alqueire, como há-de desaparecer a treva? Não somos mestres. Isto é doutrina de vinte séculos.

Andam deslocados ainda, aqueles que não têm casa para morar, nem pão para a boca, nem trabalho, nem roupa de vestir, nem açúcar para adubar as papas do doente ou do recém-nascido.

À nossa porta, tem sido nas últimas semanas procissões de quaresma com cânticos de paixão e marchas fúnebres. Aquela mãe desenvolve a Verónica diante de mim e eu vi a face do Meu Deus, macerada e cheia de escarros da sociedade. Enrolava no chaile roto, um farrapo inocente de criança, ardendo em febre e sem os remédios nem o seu leitinho. Se em casa não há pão, não pode haver leite nos peitos da mãe.

Vieram os desempregados para os apadrinhar; os devedores para os ajudar a resolver situações; os

sem lar, por um burquinho o de abrigar as orelhas; os tuberculosos por injeções; pais por filhos desobedientes e vadios; filhos por pais doentes e inválidos, Procissões!

Eu aliviaria metade destas desgraças se todos concordassem em dar-me o dinheiro dos fatos e dos vestidos que vão fazer pecados, apodrecendo mais a sociedade, nos bailes do próximo entrudo. Mas quê? Esta doutrina é dura e muitíssimo pouco pregada.

Chamam-nos mestres e a doutrina não é nova, tem vinte séculos de existência.

Os de cima estão deslocados, os de baixo deslocados também e até aqueles que são os conciliadores e intermediários deslocados estão. Todos fora do seu lugar. Peças fora do seu lugar, não produzem bom serviço. Dá-se depois a explosão. A explosão é a guerra que todos temem mas poucos evitam.

Os de cima têm de descer para os de baixo subirem. Uns descem para o seu lugar e os outros tam-

(Continua na quarta página)

Do que nós necessitamos

Uma que desejaria dar milhões deu 100\$00. Mais de Lisboa, 50\$ início de uma promessa. Mais 50\$ do Orlando do Porto. Mais do mesmo sitio 100\$, o primeiro abono de minha filha. Mais o dobro de Lisboa do meu aumento de ordenado. Mais metade de Aveiro de um tropa. Mais meia libra em ouro de Lisboa, da Companhia Colonial do Buzi. Mais 140\$ de Braga, de mando de um residente na América. Mais 500\$00 da Rodésia do Norte retirados do meu ordenado. Mais 100\$ de uma promessa. Não sei se os senhores estão lendo e reparando e saboreando como é lindo ver passar nas veias o sangue dos sacrificados! Aonde e quando se viu jamais dar assim? Oh devoção! Mais 50\$ de S. Pedro do Sul. Mais 500\$ de Lisboa de uma promessa. Mais 20\$ de Távira. Mais 200\$ de Lisboa. Mais 70\$ idem. Mais 50\$ de Lourenço Marques. Outro tanto do Porto de uma promessa—sim. Mais 50\$ de Casaldelo. Mais 500\$ do Porto. Outro tanto de Lisboa. Outro tanto do Porto para começar o ano. Sim senhor. Bem começado. Mais metade de uma promessa. Assina-se orção. Mais 50\$ de Quelimane. Mais meia libra da Rodésia. Mais o meu primeiro ordenado da Maria da Covilhã. Mais 250\$ da Sociedade de Rolamentos do Porto. Mais 100\$ de Lisboa E.J.F. Mais idem 500\$—que a minha irmã, noiva, retirou do pecúlio para o seu enxoval. Que lindo enxoval! Do que ela se absteve, é justamente aonde vai toda a fartura. O mundo não compreende estes antagonismos. Mais 500\$ de Lisboa de uma Alentejana. Mais 20\$ de Estarreja. Mais 500\$. Estes e outros são depositados no nosso banco. Não se sabe quem. Do Espelho da Moda temos feito retiradas e retiradas e retiradas e o mesmo se diz do Lar. Mais 50\$ de Mafra. Mais o dobro. Mais 50\$, outra vez de Mafra. Mais 200\$ do Porto. Idem de Canas de Senhorim e mais nada.

DOCTRINA

PRESENÇA

As nossas EDIÇÕES

Alguém na cidade do Porto depositou nas minhas mãos uma dúzia de contos, dizendo — *eu dava-lhe mais, mas pretendo dar uma casa todos os anos*. Aceitei a oferta. Alegrei-me com a notícia e enquanto me dirigia a casa, meditei na profundidade deste simples negócio. *Eu quero dar uma casa todos os anos*.

Por mais de uma vez temos vindo a este sítio com aquela ideia e hoje alegramo-nos sobremaneira, que um estranho, sem saber disso, diga por si a mesma coisa. Isto significa que estamos exactos. A verdade é só uma em qualquer tempo e em qualquer lugar. É preciso que do episódio se faça obrigação e que todos os anos, os que podem, ponham de parte a *casa do Património*. Por isso mesmo, aproveitando a lição notável do senhor do Porto e repetindo mais uma vez o que já dissemos, os que deram o ano passado uma casa, dêem este ano outra, podendo. E muitos podem.

Não se torna necessário que a dêem à minha pessoa. Eu não tenho privilégios. Não quero monopólios. É raro aparecer hoje uma terra em Portugal, aonde se não fale e se não tente a obra de casas para pobres. E não há sítio aonde elas não sejam a urgência. Pois muito bem. Dêem. Dêem. Dêem. Não há nenhum mortal que racionalmente tenha necessidade de acumular fora da marca. E muitos fazem-no. Nós já não queremos que as maiorias tomem para si os conselhos dos apóstolos e antes deles, de Cristo. Não esperamos tanto. Mas abrir o lado sim. Isso esperamos. Se não cristãos, ao menos homens. Tal como aquele senhor do Porto, há dias, um pequenino cartão de Lisboa dizia: — *acabo de fechar as minhas contas. Aí vai a sua conta*. Quinze contos. O ano anterior tinha sido isto mesmo. Não temos episódios. Toma-se isto por uma obrigação. De maneira que o meu apelo não é absurdo. Entre os homens existem homens que o põem por prática. O que é preciso é que sejam mais. Que sejam todos os que podem.

Eu fiquei triste; muito magoado, ao ter recado de uma data de Companhias de Seguros, a cujas portas fui bater por necessidade. Às vezes e depois do que aconteceu, tenho pensado para mim que não merecia ser assim tratado. Mas há mais. São os sintomas de males profundos. *Esta Companhia não tem verbas para beneficência*. Cartas houve aonde vinha esta resposta. Uma auto-condenação! Quanto ao mais, tudo somado e apurado, não deu para as telhas de uma das casas mais pequenas, vinte e nove Companhias. Quão males segurados não andamos nós!

Brevemente espero sair de novo na companhia do Júlio, de batida às principais ruas do Porto, loja por loja. Deixamos em meio as ruas do Mousinho e Sá da Bandeira e agora reatamos. Desde o dia em que começamos o bairro D. António Barroso até hoje, recebemos para ele quinhentos e doze contos. Sendo que o seu custo é de oitocentos, quem quer pode pegar num lápis e fazer a conta. A dívida não é minha, mas anda às minhas costas. Quanto mais pesada, mais me levanta! Porquê? Por via do seu objecto.

Presença é a palavra de ordem do cristão. Presença ao mundo, à vida, a todos os actos da vida, que, por muito humildes e banais, podem ser *baptizados* e tornados outros tantos títulos de riqueza sobrenatural.

O catecismo aponta o mundo entre os inimigos do homem. É verdade e sê-lo à tanto mais quanto o cristão estiver ausente dele. «Se o sal tiver perdido a força com que se salgará?» E a corrupção entrará no mundo, porque nós, chamados a ser sal da terra, não quisemos salgar.

O mundo é inimigo do homem. Fugir—quando não é insensato combater—é remédio dos cobardes. Ora nós temos força. Mais: somos, com Cristo, por Ele e n'Ele, uma Força de que o mundo tem mais consciência que nós próprios.

Fugir ao mundo, por medo da contaminação dele é uma falsa mística que a Igreja nunca perfiçou. Aqueles, mesmo, que entregues à contemplação, vivem no recolhimento de um mosteiro, não entraram lá para evitar as lutas do mundo, nem para olhar a *sua* perfeição em inexpugnável torre de marfim. Parecendo que se esconderam, os ali chamados subiram ao alto do candelabro para serem luz do mundo, segregados dele para melhor o servirem, à maneira de alvéolo pulmonar aonde o sangue vai purificar-se para dar vida mais pura a todo o corpo.

A Igreja não enjeita o mundo. Nem prega a santidade como um voltar-lhe as costas. Antes ensina que andemos nele, como se não formos dele, mas que andemos nele. Daí o dever nosso de presença ao mundo, vivendo em cristão as 24 horas de cada dia, tão ocupados em dar Cristo aos ho-

mens, que já não sobre ocasião de recebermos deles o espírito mundano.

Não se julgue pois que a perfeição cristã é um acto individual, de quem se ausenta. Ao contrário, é um acto de quem chega e se reúne, para se construir no mesmo esforço em que colabora na construção do próximo. Se tem havido razões de equívoco, a culpa é dos cristãos, não da Igreja. O pensamento d'Ela é o de Cristo. Vem no capítulo XVII do Evangelho de S. João e todo ele reflecte uma mentalidade aberta para o mundo, para salvar o mundo, mediante actos sociais.

Por isto, com que alegria não leio em «Novidades» que Mons. Montini, celebrou à meia noite, na oficina de composição de um jornal milanes, entre máquinas e operários, a Missa do patrono dos Jornalistas, S. Francisco de Sales! Com que vibração não terão eles escutado o apelo do seu Arcebispo a que fossem «missionários da verdade», escrupulosos em conhecer perfeitamente as coisas antes de sobre elas escreverem!

Mons. Montini, é o companheiro de tantos anos de trabalho, que Pio XII sacrificou agora, no declinar de uma vida gasta, aos interesses da cristandade na difícil diocese de Milão.

Como ele, talvez ninguém conheça tão intimamente o pensamento do Papa, que é o mais fiel reflexo do pensamento da Igreja. E ele não hesitou em levar Cristo, presente no Sacramento da Eucaristia, ao meio das «Linotype» que dão à luz o pensamento dos Jornalistas, afim de que estes sejam «missionários da verdade». Um membro tão responsável na Igreja, presente, a santificar com o acto

(Continua na quarta página)

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

À laia de relatório — Como já é costume, não nos furtamos a publicar as contas do ano passado, conforme a escrita do Avelino, nosso tesoureiro. Ei-las:

RECEITA	
Saldo do ano anterior	367\$70
Colectas	223\$70
Subscritores	320\$90
Donativos por intermédio de «O Gaiato»	18.226\$10
Total da receita	19.138\$40
Déficit para 1955	1.501\$40
	20.639\$80

DESPESA	
Socorros em géneros	5.668\$80
» » dinheiro	7.580\$00
» » remédios	6.474\$00
Rendas de casa	615\$00
Despesas diversas	302\$00
	20.639\$80

Como se vê, encerramos o ano de 1954 com um déficit de 1.501\$40. E maior seria, se durante o mês de Dezembro a vossa generosidade não fosse tamanha.

Pelo quantitativo distribuído acendemos muitas lareiras. Curamos feridas. Os números são a expressão fiel da nossa assistência material. Eles falam por si.

Quanto à receita durante o ano, os donativos recebidos por intermédio desta coluna quinzenal, são a parte de leão e a vida da nossa Conferência.

Deus queira que este pequenino quadro seja um incentivo para

que todos os nossos amigos contribuam, assiduamente, com um pouco do vosso pouco, e assim poderemos continuar a nossa acção a bem dos Pobres.

O que recebemos — Do assinante 4374, de Porto Novo, 30\$00. Outro tanto de Torres Novas. E mais 20\$00, de Sintra, para a Conferência de S. Vicente de Paulo, da Aldeia. Que persistente! Maria Correia Freitas, Namuno—Montepuez, 50\$00. E mais Montepuez, África, 100\$00. Agora, África está a cair com mais alguma coisinha. Olinda Grego, Mira, com 55\$00. Figueira da Foz, assinante 5563, 10\$00. E o n.º 15841, com 40\$00. Outro assinante, este com o n.º 26423, paga a assinatura e o resto para a Conferência, 25\$00. José Lima Faria, do Porto, 150\$00. E 500\$00 do Dr. José da Cunha Mota, de Castelo Branco. Senhor Doutor, cá o esperamos mais vezes. Assinante 25654, de Santarém, 20\$00. E 10\$00 duma admiradora da Obra da Rua, de Coimbra. Uma senhora que deseja permanecer no anonimato, pede que não tornemos a dizer o nome de quem deu, 100\$00. Torres Vedras, 10\$00. Dr. José Rosmaninho, da Murtosa, 20\$00. Ezequiel Pinto, amigo e cliente da nossa tipografia, 38\$00. Aurora Santana Reis, 45\$00. Assinante 9335, de Carrazedo de Montenegro, 50\$00. De Portalegre, Maria José Baptista,

O livro *Viagens* está à porta. Júlio veio hoje ao meu escritório e leu em voz alta as provas da décima quarta folha. Esta é toda ocupada com o percurso do Congo Belga à cidade da Beira, através de Joanesburgo e Lourenço Marques. Tal como naquela hora, eu vi e senti as pessoas, os lugares, panoramas, coisas, tudo; de tal sorte que o ler e o viajar foi uma e a mesma coisa. Tem sido para uso e regalo dos nossos leitores, todos os livros aqui editados. Este vai ser o meu livro. Na hora dos apertos, abro, leio e repouso. Escrevi para mim.

Nada se esconde do que se pode dizer. Nada se diz do que se deve esconder. Acho isto uma fórmula honesta e por ela me guiei. *Viagens* vai ser o mais volumoso dos livros e ainda bem, porquanto o último saiu com pouco mais de cem páginas. Ele é verdade que nós o pussemos em meio preço, mas também é verdade que poucos o aceitaram por tal. Vai agora a compensação. *Viagens* não abona a mestria dos compiladores. Em muitos casos vai adiante o que devia ser atrás. Quem souber geografia e conhecer roteiros, nota imediatamente que metemos os pés pelas mãos. Sim. O livro não abona. Porém, nisto como em tudo o mais, estamos dentro da nossa ortodoxia: *nós aqui não sabemos a quantas andamos*. Esta foi a resposta que o cozinheiro, uma autoridade da casa, deu àquela comissão que lhe foi perguntar por pesos e medidas. A edição dos cinco mil, está comprometida. Não poderemos usar mais de meia dúzia de exemplares. Estamos sem nenhum para as críticas. Por quê? Porque dos cinco mil editados estão quase cinco mil pedidos! Oferecem-nos somas pasmosas. Um senhor de Lisboa envia quinhentos escudos e diz — *os vossos livros são os mais caros que tenho na minha estante*. A carta é do Ministério da Defesa Nacional e uma Alta Patente. Estes Ministérios da Defesa, e há deles em todas as nações, são uma criação dos tempos modernos. Dantes não eram precisos nem se falava nisso. Eu tenho que no dia em que todos nos apostássemos em defender sinceramente e activamente os oprimidos, também Deus nos havia de defender. E ficava mais barato.

P. S.—Dentro de cada exemplar vai o Relatório da *Obra da Rua*, do ano cessante. É uma oferta. Quem nos ajuda, merece saber da nossa vida.

20\$00. Para finalizar, Mariette Ramos, de Lagoa, com 50\$00. A todos, como sempre, um muito e muito obrigado. Deus lhes pague.

Júlio Mendes

PELAS CASAS DO GAIATO

S. MIGUEL-AGORES

—No dia 23 de Dezembro foi pela terceira vez na nossa Casa o Natal do Gaiato realizado pela Spal. Brinquedos e doces, foram aos montes. Ao todo deviam estar duas mil pessoas, o Sr. Governador Civil e outras autoridades.

Nós apresentamo-nos, com canções, e poesia e fados. O telegrama do Pai Américo chegou a meio da festa.

Na noite de vinte e quatro foi a consoada a Missa do Galo e os brinquedos do Menino Jesus. A consoada às oito horas, com galinha, figos passados, pão de trigo, arroz doce e fruta. O Sr. Professor e as senhoras comeram connosco na mesma sala.

À meia noite cantamos a missa de Angelis comungamos e fomos beijar o pé do Menino Jesus. Mais uma piuga depois da missa e depois a cama. De manhã nos dormitórios ia-se perdendo o tino. Ao lado de cada cama um brinquedo e ninguém sem ele.

O nosso presépio foi lindo. No pano de fundo uma cidade bonita com as tocas dos pobres aos pés. A meio da cena, um pequeno, roto e sujo, como nós já fomos, em meditação. Sobre uma pedra o Menino Jesus de braços abertos. O Zéquinha que tem três anos, falava com o menino Jesus e chamava-o para as suas brincadeiras.

—Como nos outros anos, no primeiro Domingo de Janeiro, fizemos cá em casa a festa do Santíssimo Nome de Jesus. O sr. Padre da freguesia, esteve a celebrar e nós cantamos de novo a missa de Angelis.

Rafael foi reeleito e nós ficamos contentes. Muitos parabéns Rafael, e muito juizo para ajudares o sr. Padre Elias.

—Eu ando no 2.º ano da Escola Industrial e apanhei neste primeiro período quadro de honra. Zé das Latas que anda no curso nocturno, estava já muito esquecido e por isso apanhou dois noves.

—Já estivemos todos juntos na nossa quinta de Monte Alegre. Aquilo é bastante lindo e a malta perdeu o juizo. Temos muita fruta, estamos a fazer terreno para milho e trigo e vamos construir uma Ermida. O Pai Américo vem celebrar a primeira missa porque o Sr. P.ª Elias já nos disse. Quem nos dera chegar ao dia.

Angelo Manuel

TOJAL

As nossas oficinas já estão a ficar bonitas, com a frontaria já rebocada e o telhado também concluído.

Andam a trabalhar nelas uns poucos dos nossos rapazes.

Todos as querem ver acabadas para terem a alegria de lá trabalhar. Estão planeadas a barbearia, carpintaria, serralharia, alfaiataria sapataria e tipografia. Para lá passou já a serralharia para evitar o barulho e o fumo na escola. A seguir a uida-se a carpintaria e o resto vai logo atrás.

—O Corre Mundo está no Restaurante Quitério a cozinhar. Ele vem aqui todas as quartas feiras passar o dia de folga. Aproveita sempre este dia para fazer a nossa comida e mostrar o que já sabe. E tem sido muito gabado.

Ele diz e mostra que já sabe fazer bons cozinhados.

Pudera, pois se ele tem uma tão boa mestra a senhora D. Dolores. Se algum quiser procure o Restaurante Quitério e prove.

—O Tabordas que agora é o servente de mesa dos senhores, como não tinha já que fazer dentro de casa foi ter comigo a pedir trabalho. Eu disse-lhe, vai arrumar o celeiro. Ele ao entrar viu lá dentro mais de seis galinhas.

Voltou-se para elas como que elas compreendessem e diz:— Quem lhes deu licença de entrar aqui, toca a ir para a vossa casa que já têm o vosso comer.

E as galinhas já com o papo cheio, retiraram a cantar.

—A Nossa Conferência não tem parado de distribuir o necessário aos seus pobres. Quando foi a fechar o ano o secretário viu que se gastaram 6.491\$30 e que a receita tinha sido de 3.146\$20.

Ficámos portanto a dever à Casa do Gaiato 3.310\$00 Nunca calculávamos que estávamos tanto em baixo de finanças. Isto obriga-nos a recorrer aos que podem para que nos ajudem, por amor de Deus.

Joaquim A. Gouveia Marques

COIMBRA

Parece-nos que esta cidade se está erguendo e a abrir os olhos em amor do Próximo.

A Imagem Veneranda de Nossa Senhora de Fátima, que anda a percorrer esta Diocese, ao passar nesta cidade parece que veio lançar nas almas o fogo da Caridade.

A passagem da Rainha do Mundo pela cidade universitária ficou gravada a letras de ouro pelas grandes manifestações e aclamações que os fieis lhe prestaram, mas, sobretudo, por mais cinco casas que foram entregues a outras tantas famílias necessitadas.

Contudo não ficou apenas por aqui. Coimbra inteira quer possuir um bairro de casas do Património.

É o pessoal dos C. T. T., são os comerciantes da Praça Velha, os armazenistas, sacerdotes, Filhas de Maria, toda a cidade quer ter um bairro para os seus indigentes.

Ainda na última venda uma senhora dirigiu-se a um vendedor depositando-lhe na mão oito contos sem mais nada.

A nossa Conferência, que andava muito em baixo recebeu agora muitos donativos e coisas pelo Natal. O senhor Padre Horácio é o próprio a dizer que ainda não houve um Natal tão em cheio.

Oxalá que Nossa Senhora tenha tocado os corações e lançado as suas bênçãos sobre os conimbricenses.

—Eu quero agradecer, e já não é sem demora, à Ex.ª Direcção do Teatro Avenida que nos tem dado entrada na sua casa de espectáculos. Os dias últimos filmes que lá fomos ver, foram a «Túnica» e o «Príncipe Valente», ambos Cinemascope e que muito nos agradou.

—Quero também chamar à atenção todos os conimbricenses para lhes dizer que a vinda do nosso jornal está muito fraca. Covilhã e Castelo Branco é que nos estão valendo.

Carlos Manuel Trindade

LAR DO PORTO

Conferência—Conforme o combinado os pobres compareceram no Lar do Porto. A cerimónia foi simples: duas palavras e entrega imediata da consoada constituída pelo seguinte:

Bacalhau, batatas, azeite, arroz, açúcar, massa, cacete, sabão, cevada, roupas de cama e de vestir, calçado, brinquedos e dinheiro.

Além dos nossos que visitamos semanalmente, vieram muitos do Barredo, S. Victor, etc.. A conta atingiu 3.150\$00!

Não tínhamos dinheiro e até nos encontrávamos em débito. No entanto seguindo a doutrina do nosso Pai Américo (quanto mais mais), fizemos distribuir muito em quantidade e em número de pobres.

Após o dia da distribuição fomos de visita a 40 amigos para quem tínhamos feito seguir dias antes uma carta pedindo auxílio. Assim recebemos dos Ex.ª Senhores:

Delfim Ferreira	500\$00
Pinto de Magalhães & Comp.ª	500\$00
Russel de Sousa	100\$00
Fonseca, Dunkel & Comp.ª L.da	200\$00
Emílio de Campos & Comp.ª L.da	100\$00
José Ferreira Botelho	200\$00
David Ferreira	100\$00
João Silva	50\$00
Alberto Marinho	50\$00
Um funcionário do Banco E. Santo	100\$00
Banco Borges & Irmão	60\$00
M. A. Sousa Soares	60\$00
Castanheira Martins	50\$00
F. Fernandes Guimarães & Comp.ª	50\$00
Albino	20\$00
Banco Pinto & Sottomayor	20\$00
Bazar Smeriz	20\$00
Aureliano Gonçalves Braga & Filho	20\$00
Banco Ferreira Alves e Pinto Leite	20\$00
Celestino da Mota Mesquita	20\$00
José Carvalho (da U. Eléct. Portug.)	50\$00
Assinante 30.238	100\$00
Heitor Alves de Figueiredo	50\$00
Uma senhora de Viana do Castelo	8\$00

E mais o seguinte: um bolo-rei e duas requeifas da padaria Universal, 2 presentes em géneros e dinheiro da rua D. João IV, 138. Roupas de uma senhora da R. Igreja de Cedofeita, 60. 20\$00 no Espelho da Moda e por último o nosso irmão Carlos Rebelo Gonçalves que apesar de lá longe, em África, não se esqueceu dos nossos pobres, e assim enviou 250\$00. Foi sem dúvida o donativo que mais alegria nos deu, por se tratar como disse de um dos nossos irmãos.

Recebemos de um anónimo e assinante da Rua Santa Catarina 150\$00. Brinquedos oferecidos por uma senhora que trabalha no Banco Borges & Irmão, e que foram a alegria das raparigas. Recebemos ainda vinte cartões para levantamento de géneros, do Grémio dos Armazenistas de Mercaria, que foram distribuídos por outros pobres a quem nada lhes tinha tocado. Queremos no entanto fazer um aceno de muito agradecimento para este Grémio que todos os anos nunca se esquece muito louvavelmente de nos enviar estes cartões que constituem belo presente de Natal. Muito obrigado e que Deus lhes pague.

A todos muito e muito obrigados e que Deus, neste ano de 1955, lhes dê cem por um e as maiores venturas e felicidades.

Carlos Veloso da Rocha

—Caros leitores, desculpem de fazermos este pedido. Nós temos cá em casa um relojoeiro, como

Continuação da terceira página

mais divino que é possível ao homem, um trabalho do mundo, para que nele reine a Verdade, com ela a Justiça, e pela Justiça haja Paz.

Ora pois, se tem havido e continua havendo equívoco, não se diga que a culpa é da Igreja. A falta é de presença dos cristãos.

P.º Carlos

Continuação da segunda página

bém sobem para o seu. Não todos para o mesmo, que é impossível, mas todos para o seu lugar que é doutrina do Mestre. Ora vejam lá se não é verdade e que não nos chamem nomes. A doutrina de hoje é a mesma daquele tempo. Somos todos filhos do mesmo Pai que está nos Céus.

é do vosso conhecimento, e há pouco pedia no jornal relógios velhos. Eles vieram mas já estão todos consertados e ele anda novamente atrás de mim. Cabe pois aos senhores responderem-lhe; uma rubusca lá pelos cantos da casa e talvez apareça alguma «cebola» para ele se ir aperfeiçoando na arte.

—Na quadra do Natal tivemos bastantes ofertas. Destaco algumas delas: duas garrafas de «Vinho do Porto» da Firma Sousa, Valente e C.ª L.da, que nos deseja «Boas Festas». Da Firma Augusto Machado, L.da recebemos alguns cortes de fazenda com quinze metros e alguns com menos e mais. Isto deve dar para muitos fatos. Vamos lá ver se o senhor Padre Carlos tem piedade de mim. E ainda da Mercaria Mendes, da Rua de Santa Catarina, uma ceira de figos, e por último mais «Vinho do Porto» de José Joaquim Pinto que nos quis ofertar duas garrafas do dito. Muito obrigado a estes nossos amigos, e desejamos um Ano Novo cheio de prosperidades para todos.

João de Buarcos

PRADO DE SOUSA

As nossas avenidas têm andado bastante sujas com cascas de laranja.

Por tal motivo, tratou-se logo de saber de onde provinham as laranjas.

Foi numa data deles a casa dum visinho e outros à pala destes, regalaram-se mas é com as nossas, que por isso vão ficando depenadas...

Temos de nos pôr alerta com o jogo, de contrário nem as cheiramos...

—Num destes últimos domingos estive cá um grupo do Porto para jogar connosco.

O nosso grupo, quase todos reservistas, inflingiu-lhes uma pesada derrota de 6-0.

Não é de admirar, pois jogavam pouco, mas eles não vieram de propósito para jogar, mas sim visitar a nossa linda cidade em miniatura.

Notas duma viagem a Lisboa

Quando, um destes dias fui ao escritório do Pai Américo, levar as provas de mais uma folha do nosso futuro livro «Viagens», fui surpreendido com a notícia de que iria à capital. Pai Américo perguntou ao Júlio se me podia dispensar e este respondeu afirmativamente, pois eu tinha o trabalho adiantado. Ficou assente que partiríamos na quarta-feira 12 e eu tratei logo de arranjar a roupa à tirone (não julguem que imitei o brasileiro de Rio Tinto) e de bico muito calado, não fossem os outros estragarem-me o estrugido.

Partimos no dia marcado, às nove e meia. Ia eu, o Pai Américo e ao volante o Avelino. No conjunto seguimos, animados. Tanto, que eu apeli dei, mas sem dizer nada aos outros: três pintassilgos fora do ninho! Fomos daqui, passamos por Cete, Baltar, Valongo—terra de indústria da ardósia e num ápice estávamos na cidade do Porto—cidade do trabalho e a cidade que mais carinho tem pela nossa Obra, que até levou o Pai Américo a afirmar: «Ai Porto, Porto, quão tarde te conheci!» Muitas mais coisas lindas tem dito, mas para isso não chegavam as páginas todas do «Melhor do Mundo».

Aqui, paramos no nosso Lar, onde deixamos os jornais para a venda.

Depois seguimos pela imponente Vila Nova de Gaia, com a sua grande avenida Marechal Carmona, que é um autêntico mimo.

Depois apareceu-nos as lindas aldeias: Carvalhos, Crijó, Lourosa, com suas casinhas, tipicamente portuguesas, que enfeitavam a estrada nacional, que nesta região está muito bem tratada.

Pena é que esteja nevoeiro e a chover, pois sem isto a beleza destes sítios encantadores redobrava.

Aparece-nos agora a importante vila de S. João da Madeira—terra do calçado—com suas grandes fábricas. S. João da Madeira é das vilas que mais comércio e indústria tem. É um verdadeiro orgulho dos produtos nacionais. (e nós neste ponto, tão estrangeiros somos!)

O Morris, que tem 26.000 quilómetros de rodagem, anda mais uns quilómetros, por meio de pequenas matas, muito bem tratadas e aparece-nos pela frente a pitoresca vila de Oliveira de Azemeis, onde parece querer aliviar, mas as nuvens dizem-nos que não, pois não estão quietas e muito negras.

Águeda fica a dois passos. É muito bonita esta terra, com o Rio Vouga dando vida ao arroz e beijando seus pés.

Depois de atravessarmos o Rio Vouga, começamos a ver as vinhas de cepas, estranhei isto, pois cá para os nossos lados as videiras descansam nos arames das ramadas, que nos dão vinho e sombra.

Não demorou muito a chegarmos a Albergaria-a-Nova, pois o Morris tem boas pernas e o motorista é um «água»...

Albergaria-a-Nova, fica logo ali à espreita. Estas terras são muito interessantes, com suas vinhas e regatos cobertos de vimes.

Para de chover e nós a chegarmos a Mealhada, onde vimos com muito gosto, roupas corando. Também vimos passar por nós um dos comboios que por aqui passam e onde a linha está quase em paralelo com a estrada.

Temos tido poucas visitas, como acontece todos os anos, nesta estação, mas na Primavera e Verão, é romaria todos os dias...

—Aos domingos e dias santos como há mais acumulação de serviço na Casa Mãe, vão alguns de nós ajudar os da obrigação mais apertada.

Ao sábado o chefe, Cândido Pereira, faz o

«EDITAL»:

Serviço para os dias 15 e 16 de Janeiro:
Copa—Fernando, Eduardo, Tomaz.
Batatas—Paizinho, Lisboaeta.
Couves—Chorinha e Quincoces.
Limpeza—Fabião, Brasileiro.
Piquetes— Augusto Barroso, António Nascimento.

Que tal? Não acham interessante? Tenho a certeza que sim e mais, quando cá vieram de visita, vão logo direitinhos à porta do refeitório para verem o respeitável «Edital»...

—As nossas oficinas gráficas continuam em grande forma: compositores, impressores, encadernadores, todos trabalham com alegria para as câmaras, mercearias, agências, bancos, etc., sem ter preciso fazer concorrência. As obras falam por si: tal árvore, tal fruto.

O livro «Viagens» está na etapa final, os tipógrafos todos contentes e já à espera de outros que se hão-de seguir e eu a refletir com os nossos amigos que ainda se não inscreveram e que por certo se estão a guardar para a última hora, trazendo complicações de várias ordens, pondo, por consequência a cabeça em água ao Júlio Mendes e Manuel Pinto.

Vamos amigos, aviem-se. Enviem um simples postal à tipografia do Melhor do Mundo e pronto.

Daniel Borges da Silva

Quando mal demos por isso, estávamos em Coimbra dos doutores, do Choupal, do Penedo da Saudade.

Aqui, ponte. O apetite já era bastante e toca a dirigir me para o Lar de Coimbra, onde fui dar uma ajudazinha aos meus colegas do Lar. Aqui levei uma chega dos colegas e do Sr. Padre Horácio, por não se ter posto na secção «Pelas casas do gaiato», a notícia do Lar.

Depois de me terem absolvido, impingi as culpas para o Júlio Mendes, chefe da tipografia e ficamos amigos como dantes... Tenho a dizer aos nossos amigos, que o cão do Lar não simpatizou nada comigo, pois se não estivesse preso ao cadeado, deixara-me-la pela certa, sem concerto... e lá ficava a ninhada de pintassilgos desfalecida!

Depois do almoço, descansei um pouco à beira do Sr. Padre Horácio, que está a precisar duma batina e cabeção novos, pois estão bastante doentes, segui na furgoneta da casa de Miranda e Lar até à biblioteca Municipal, onde o Sr. Padre Horácio foi buscar um livro e daqui segui com ele a pé até ao Largo da Portagem, junto à ponte de Santa Clara, como ficou combinado. Gostei imenso deste largo e muito mais da grande e linda ponte de Santa Clara. É simplesmente magnífica!

São duas horas. Pintassilgos na galota e toca a andar em busca de novos ares: Condeixa, Conimbriga, Cabaços. Aparece-nos pela frente a graciosa vila de Penela, que tem a dominá-la o seu majestoso Castelo com seu templo no meio.

Começa de novo a chuva cantando sua canção, mas o ar aquece e nós a passar por: Lapa, Pintado, Venda Nova, Calçada, Alvitto. Morris na mecha e nós a aproximarmos-nos da linda cidade Ribatejana de Tomar.

Logo à entrada, a enfeitar a cidade, estão cinco casas do Património dos Pobres. Pai Américo ao contemplá-las ri de satisfeito e faz os seus comentários.

Se os tomaren'es quiserem, podem tornar a cidade ainda mais linda: construir em sua volta estes verdadeiros monumentos de grandeza divina!

Lá em cima, no alto, estão orgulhosamente, como que a desafiar o tempo o Convento de Cristo e a Ordem dos Templários. Em baixo, passam serenas, as doces águas do Nabão, tornando a cidade mais rica e mais bela.

Seguimos por Guerreira, Asseiceira e daqui por diante começam a distinguir-se grandes extensões de oliveiras e sobreiros. Atalaia e Golegã. É uma vila muito grande, de muito gado, de grandes feiras e touradas. Não me admiro que o Manuel dos Santos seja daqui.

Sempre a andar, começamos a ver o maior rio que atravessa terras portuguesas que é o Tejo e aproximamo-nos a passos largos, aliás rodados, de Santarém.

Atravessamos a ponte de D. Luís, que é a mais extensa de Portugal e nós, os pintassilgos, na cidade de Mem Ramires.

Por hoje basta. Ficamos por aqui, para não maçarmos muito os nossos leitores. Os pintassilgos encontram-se todos bons, recebem os seus cumprimentos, em especial do mais pequeno. (Continua no próximo número)

DANIEL BORGES DA SILVA